

muito ativo nos movimentos da classe e a ele se deve a fundação da Casa do Ator em São Paulo.

A pesquisa do Autor abrange ainda a formação das companhias teatrais em São Paulo e num *Epílogo Aberto* vê a continuação da personagem encarnada por Ninno Nello em Mazzaropi, no cinema. Termina com uma bibliografia e um Roteiro Iconográfico, no qual predominam fotografias de Italia Fausta. Prática infelizmente ainda não adotada entre nós, fica faltando um índice remissivo, muito útil em trabalhos dessa natureza.

Resultado de pesquisa séria e minuciosa, a obra é um verdadeiro fonte de referências e de inspiração para outros estudos, além de leitura fluente e de grande interesse.

Martha Steinberg

* *
*

Scliar Moacyr, *Os deuses de Raquel*, Edit. Expressão e Cultura, São Paulo, 1975.

Com *Os deuses de Raquel*, sua última obra¹, Moacyr Scliar confirma as qualidades já reveladas em obras anteriores. Dotado de um estilo veloz e trabalhando sobre um material judaico, o autor explora a situação desse grupo deslocado geograficamente onde quer que se encontre, suas angústias, sonhos, medos, anseios, lendas, tradições, seu processo de adaptação/desadaptação, com uma força e poesia que tornam sua obra² merecedora de atenção e estudo.

Tomando-se como foco de análise sua última obra, o que de imediato chama a atenção, é a possibilidade de enxergar nela dois planos. O primeiro, narrativo propriamente dito, evoca todo um mundo judaico enxertado em Porto Alegre. O segundo vem marcado via de regra pelo comentário bíblico destacado do primeiro, inclusive pela utilização de uma tipologia gráfica que se incumbe de diferenciá-lo do corpo narrativo. Trata-se de uma colagem ou de uma organização intersectada, feita de fragmentos justapostos e que por força da justaposição vai estabelecendo relações de contaminação, a ponto de se poder falar em um duplo movimento conjuntivo/disjuntivo.

(1) — Esta resenha está sendo publicada com certo atraso. — N. da R.

(2) — Além do livro em questão, publicou a “Guerra do Bom Fim” Edit. Expressão e Cultura, São Paulo, 1972; “O exercito de um homem só”, Edit. Expressão e Cultura, São Pulo, 1974.

A disjunção vai-se encaminhando para a conjunção ao longo da obra, a tensão criada vai-se resolvendo numa absorção constante da narrativa que, ao fim, acaba por englobar o comentário transformando o intertextual em intratextual.

O curioso desse procedimento formal é que ele corresponde totalmente à matéria que trata.

A apresentação da trajetória da personagem central — Raquel — fortemente carregada dos problemas que um judeu enfrenta enquanto grupo minoritário na diáspora, é acompanhada pela perseguição de um olho que não a abandona um só instante, que a vigia em todos os seus atos.

Olhos de Deus? Jeová, o Deus de justiça que nada perdoa, que a enxerxa inclusive em sua recôndita tentação de abandonar o grupo a que pertence para aderir ao fascínio das imagens e do ritual cristão? Que a acompanha nas noites de solidão, entre o sonho e a vigília, quando a voz do corpo não encontra eco e no silêncio da noite ele se debruça sobre si mesmo num gesto de auto-sexualidade?

Mas também o olho do narrador sempre presente, perscrutador de sua criatura recortada dos livros sagrados e perdida num mundo dividido, onde o sagrado e o profano, o pecado e o castigo, o bem e o mal, ainda guardam seus limites bem definidos. Mundo em que a filha de Israel anda de automóvel, toma laranjada, vai à praia, trabalha numa loja de ferragens, tudo isso num contexto “gói” (não-judeu), que a atrai ao mesmo tempo que a retrai: os gestos de aproximação desse mundo a um tempo acessível e inacessível vão tecendo suas malhas e nelas Raquel vai se perdendo. Impossível devolvê-la à sua matriz mítica. Fora de lugar, dividida, humana, à mercê dos olhos de Deus, criador primeiro e do narrador, seu intermediário, é mais fácil confiná-la ao universo da ficção ou mesmo remetê-la à realidade, espaço de que se nutre e cujos problemas privilegia.

Lançada num jogo cujas regras desconhece, Raquel que estudou num colégio de freiras por causa do capricho do pai, latinista frustrado e comerciante a contragosto, não pode se casar com um “gói” Mas, em contrapartida, não pode estabelecer relações de amizade com Débora por se tratar de uma “judia de gueto”; isto é, de estirpe inferior, moradora do Bom Fim. Sofrendo pressão do grupo mais forte e sem condições de se situar diante dele ou mesmo de aderir a ele, sua resposta é a vingança, mas a vingança mesquinha, lançada sobre a balconista, sobre o rapaz que lhe enche o tanque de gasolina, sobre Isabel, sobre todos a quem puder lesar de uma ou outra maneira.

Mito encarnado e dividido, Raquel nos reenvia tanto a um código cultural e literário, já que recortada da Bíblia, como realidade, porque personagem num mundo também degradado que, ao invés de oferecer-se a ela como problemático e movê-la pela angústia a defrifá-lo e a oferecer-lhe resistência, configura-

se enquanto espaço que propicia metaforicamente a sua queda. A terra do povo eleito transforma-se em cidade (Porto Alegre) e o olho de Deus em olho do narrador.

O narrador assume e de certo modo denuncia esse embate, no nível da narrativa, e a tensão entre a ficção e o mito se resolve com a “vitória” da ficção, mas de uma ficção que remete o leitor ao real, enquanto o mito permanece como um contraponto latente, distante e quase perdido.

Num mundo mesquinho, reificado, problemático, a cujo cerco é difícil se opor, e que para um judeu se apresenta como mais problematizado, já que lhe é necessário assumir uma posição (de grupo? contra o grupo? individual? enquanto judeu?), a narrativa de Scliar oferece uma saída digamos positiva na figura de Miguel, o louco, o que dedica sua vida à reconstrução do templo de Deus, tarefa incumbida na Bíblia ao rei Salomão. Mas o templo que constrói lenta e pobrementemente transforma-se em tarefa de vida, meta, e não tem por finalidade salvar os judeus, reuni-los para mantê-los coesos; então, para que o templo? Ação individual de um louco? Referido como louco, Miguel é a personagem mais coerente da obra, e o templo é o espaço que constrói para si, espaço sagrado não de Deus, mas do homem. O lugar que ocupa não lhe é ofertado, mas conquistado, construído. E o olho que persegue Raquel de começo a fim revela-se como sendo o de Miguel, que na sua “loucura” se coloca como indivíduo, como o *outro*, presença que obriga o *eu* a se situar enquanto eu. Por isso, presença incômoda e repudiada. Oferecendo resistência à degradação, sofrendo o processo de destruição que o cotidiano impõe aos homens, sua resposta não é a da entrega, da aquiescência da queda, mas a da resistência. Essa a resposta. Essa a saída.

O narrador demiurgo, mediador de Jeová, oferece à sua criatura a única saída humana: manter-se enquanto homem.

Onipresente, onisciente, é o olho de Miguel que percorre a obra e acompanha Raquel em seu trajeto entre deuses de barro, e é o seu gesto, homólogo ao do narrador (é ele, em verdade, o narrador) que revela a linguagem cifrada do mito em história vivida.

“— Não sou Miguel. Sou aquele cujo nome não pode ser pronunciado
Sorrio.

— Chama-me Jeová —

.....

Vou mostrar-lhe o Templo, finalmente concluído. Quero que veja o Livro, o Livro que agora termino de escrever e que conta tudo destes dias. Os dias de Raquel. Destes deuses: os deuses de Raquel”.²

Terminado o Templo, espaço sagrado onde se projeta o homem, é possível contar a sua história, velada no Livro sagrado, revelada na ficção.

Berta Waldman

* *
*

NIR, RAFAEL E FISCHLER, BEN-ZION-KILSHON *AMO* (Como é a língua do seu povo), *CHAIM RABIN JUBILLE VOLUME* Jerusalém Council on the Teaching of Hebrew, 1976.

A publicação deste livro de estudos de lingüística aplicada foi a forma que os colegas e discípulos do eminente Professor Chaim Rabin, da Universidade Hebraica de Jerusalém, escolheram para comemorar o seu sexagésimo aniversário. Os estudos incluídos nesta coletânea lhe são ofertados como homenagem pela sua atuação no desenvolvimento do ensino da língua hebraica em Israel e no exterior e como reconhecimento pela sua contribuição no campo da lingüística aplicada.

Esta resenha tem o objetivo de divulgar no nosso meio esses estudos da língua hebraica e desta forma, também homenagear o grande mestre, de quem tivemos o privilégio de receber ensinamentos, orientação e supervisão, nos dois estágios que realizamos na Universidade Hebraica de Jerusalém.

O livro contém quinze estudos de importantes lingüistas e professores de língua hebraica e, no final, uma relação das publicações do homenageado. Observa-se, em número de estudos, a influência da orientação do Prof. Rabin, através das muitas referências a suas obras dentre a bibliografia citada pelos autores.

Grande parte dos trabalhos apresentados nesta coletânea, estuda sob diferentes aspectos a problemática da tradução para e do hebraico. Iniciaremos a apresentação por estes estudos.

No estudo "*Problemas de tradução literária para o hebraico*" a autora Shoshana Blum analisa as diferentes correntes na abordagem da tradução. Segundo a autora, a história das traduções literárias para o hebraico tem sido regida, até recentemente, pelos padrões estilísticos estabelecidos pela prosa hebraica. Como resultado, tradutores tenderam a usar um estilo "alto" e formal ditado não pelas variações estilísticas da obra a ser traduzida, mas pela necessidade de "beleza", estabelecida para uma boa tradução. Recentemente, surgiu uma nova corrente, que rejeita as normas anteriores e reivindica "uma equivalência estilística completa" com a obra original.

A autora analisa e critica a tradução para o hebraico de "A perfect day for Bananafish" de Salinger e focaliza as dificuldades enfrentadas na tradução. Segundo Shoshana Blum as falhas são devidas a uma interpretação simplista do